

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

Alessandra Mara Rosa de Mello

**DISCURSO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: A REVOLUÇÃO DE 32 NO MUSEU
HISTÓRICO MUNICIPAL TUANY TOLEDO**

Pouso Alegre, MG,

2017

Alessandra Mara Rosa de Mello

**DISCURSO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: A REVOLUÇÃO DE 32 NO MUSEU
HISTÓRICO MUNICIPAL TUANY TOLEDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVAS, para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Área de Concentração: Linguagem e sociedade

Orientadora: Professora Doutora
Andrea Silva Domingues

Pouso Alegre, MG,

2017

MELLO Alessandra Mara Rosa de.

Discurso, história e memória: A Revolução de 32 no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo / Alessandra Mara Rosa de Mello - Pouso Alegre: Univás, 2017.

Orientadora: Professora Doutora Andrea Silva Domingues.

64 f.

Dissertação de Mestrado do Curso em Ciências da Linguagem - Universidade do Vale do Sapucaí – Univás, 2017.

1. Discurso. 2. Museu. 3. Memória.

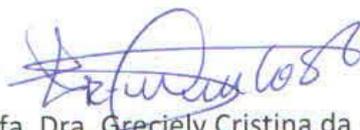
CDD 981

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

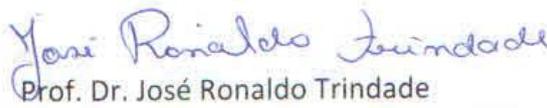
Certificamos que a dissertação intitulada “DISCURSO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: A REVOLUÇÃO DE 32 NO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL TUANY TOLEDO” foi defendida em 25 de agosto de 2017, por **ALESSANDRA MARA ROSA DE MELLO**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº 11001165, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



Profa. Dra. Andrea Silva Domingues
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientadora



Profa. Dra. Greciely Cristina da Costa
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinadora



Prof. Dr. José Ronaldo Trindade
Doutor pela Universidade de São Paulo - USP
Examinador

DOCUMENTO VÁLIDO SOMENTE SE NO ORIGINAL

Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (PROPPES)

Av. Prof. Tuany Toledo, 470 – Fátima I – Pouso Alegre/MG – CEP: 37550-000 – Fone: (35) 3449-9231

Aos meus amados Thiago e João...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus maestro de todas as melodias de minha vida, grandioso artista que prepara as tintas a serem utilizadas por meus pincéis nas telas que não permitem rascunhos, autor que me leva a ser coautora das páginas cotidianas.

A meu filho Thiago, um anjo em minha vida.

A meu marido João, sempre presente com seu amor, apoio e paciência em todas as horas.

A minha mãe Cida Rosa, grande mulher, companheira e amiga que sempre está comigo em todos os momentos, me incentivando e ajudando a seguir em frente.

A meu irmão Diego, que me ajuda em tudo, mas principalmente quando meu computador resolve agir por conta própria.

A professora e amiga Andrea, pela orientação, incentivo e carinho; em toda minha trajetória acadêmica desde a graduação em história. Obrigada pelas mãos que muitas vezes me mantiveram em pé.

A professora Greciely, pela orientação, carinho e paciência em meus tropeços, não somente no que se refere a este trabalho, mas também nas muitas conversas que tivemos durante todo o percurso em Ciências da Linguagem.

Aos professores do curso de mestrado em Ciências da Linguagem pela paciência e oportunidade de conhecer e me aprofundar na Análise de Discurso.

Aos colegas pelo convívio e ajuda mútua no entendimento das disciplinas do curso em Ciências da Linguagem.

Ao diretor da UNIVÁS Virtual Luiz Roberto, pelo incentivo, ajuda e amizade.

Aos amigos da UVIVÁS Virtual pelo convívio, conselhos e ajuda.

A Universidade do Vale do Sapucaí, instituição onde desenvolvi minha vida acadêmica desde a graduação em história, a pós-graduação em história e o mestrado em ciências da linguagem.

Aos funcionários da Universidade do Vale do Sapucaí, nos quais sempre encontro um sorriso e disposição em ajudar. Em especial a Silvana dos serviços gerais, a Taciana secretaria de pós-graduação, ao Guilherme secretário da pós-graduação.

“(...) nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior”.
(PÊCHEUX, 1983)

MELLO, Alessandra Mara Rosa de. *Discurso, história e memória: A Revolução de 32 no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo* – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí – Univás, Pouso Alegre, Minas Gerais, 2017.

RESUMO

Na dissertação apresentada buscamos analisar e interpretar os processos de significação em torno do museu Tuany Toledo, localizado na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais. Buscamos compreender a maneira como o museu se constitui como um objeto simbólico que produz sentidos na história. Para isso, o objetivo geral deste estudo foi interpretar quais os sentidos produzidos no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo sobre a Revolução de 32 na cidade de Pouso Alegre, entendendo este como espaço de linguagem e conhecimento, além do lugar de coleções de objetos antigos, representando algo estagnado do e no passado e compreender como o museu configura em si uma memória de arquivo e como diferentes objetos simbólicos arquivados produzem efeitos de sentido sobre a Revolução de 32. O *corpus* de análise selecionado foram recortes de textos biográficos, revistas, memorialistas, mapas, montagem, fotografias, objetos referentes à Revolução de 32, todos disponíveis no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo, sendo ambos interpretados, analisados para a construção deste estudo que nos possibilitou interpretar o sentido do discurso sobre e da Revolução de 32 na cidade de Pouso Alegre, como um acontecimento histórico e discursivo. Nas análises realizadas observa-se um silenciamento da memória dos sujeitos sociais pousoalegrenses envolvidos na batalha.

Palavras-chave: Discurso. Museu. Memória.

MELLO, Alessandra Mara Rosa de. *Discourse, History and memory: The Revolution of 32 at the Tuany Toledo Municipal History Museum – The Language Sciences Master Course at Vale do Sapucaí University – Univás, Pouso Alegre Minas Gerais, 2017.*

ABSTRACT

In this following final paper we aim to analyze and interpret the meaning processes around Tuany Toledo Museum, located in Pouso Alegre city, Minas Gerais. We to understand the way in which the museum is constituted as a symbolic object that translates meanings in history. Thus, the general objective of this study was to interpret the meanings built at the Tuany Toledo Municipal Historical Museum concerning the Revolution of 32 in the city of Pouso Alegre, which is seen as a space of language and knowledge, besides the place of ancient objects collections, which represents something stagnant from the past and also to understand how the museum sets itself a file memory and how different some archived symbolic objects can produce meaningful effects on the Revolution of 32. The selected analysis corpus were clippings of biographical texts, magazines, memorialists, maps, assembly, photographs, objects related to the Revolution of 32, all available in the Tuany Toledo Municipal Historical Museum, both being interpreted and analyzed for the construction of this study that enabled us to interpret the meaning of the discourse on and of the Revolution of 32 in the city of Pouso Alegre, as a historical and discursive event. A memory silence of the social pousoalegrenses subjects involved in the battle is observed in this analyses.

Keywords: Speech. Museum. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01: Cartaz do MMDC.....	22
FIGURA 02: Continência à Bandeira no Batalhão de Pouso Alegre.....	23
FIGURA 03: Soldados mineiros cavam trincheiras em Pouso Alegre.....	24
FIGURA 04: Farda Bombacha.....	25
FIGURA 05: Capacete.....	26
FIGURA 06: Utensílios pessoais.....	26
FIGURA 07: Distintivos e medalhas.....	27
FIGURA 08: Canhão Krupp.....	27
FIGURA 09: Fuzil.....	28
FIGURA 10: Granada Brant.....	28
FIGURA 11: Recomendação dos corpos de soldados paulistas.....	29
FIGURA 12: Mapa de Pouso Alegre.....	38
FIGURA 13: Alexandre de Araújo.....	41
FIGURA 14: Marco da Revolução de 32.....	43
FIGURA 15: Placa Comemorativa.....	44

FIGURA 16: Montagem General Gilberto Azevedo.....	47
FIGURA 17: Símbolo da Artilharia.....	48
FIGURA 18 – O Combate.....	49
FIGURA 19 – Mapa Bairro São João.....	50
FIGURA 20 – Tropas.....	51
FIGURA 21 – Quartel General.....	51
FIGURA 22 - Rio Mandu, Fazendas, Linha Férrea.....	52
FIGURA 23 – Catedral.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – A REVOLUÇÃO EM POUSO ALEGRE.....	17
1.1 A Criação e organização do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.....	17
1.2 A cidade como espaço político simbólico.....	20
1.3 A Revolução de 32 presente no museu.....	21
CAPÍTULO 2 – DISPOSITIVO TEÓRICO E A PESQUISA.....	30
2.1 Pressupostos Teóricos.....	30
2.2 Museu e discurso.....	32
2.3 Patrimônio.....	33
2.4 Memória Institucional.....	34
2.5 Ideologia.....	36
CAPÍTULO 3 – O MUSEU, ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA.....	38
3.1 O espaço da cidade e sua interlocução com o museu.....	38
3.2 Arquivo e Museu.....	42
3.3 A memória da Revolução de 32 em funcionamento no museu.....	45
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	57

INTRODUÇÃO

Dado o meu contato com as ciências da linguagem e minha formação como historiadora, compreendi a necessidade de aliar as duas áreas de conhecimento para refletir sobre os processos de significação em torno do Museu Tuany Toledo. Isso porque a perspectiva da linguagem, a Análise de Discurso me permite compreender o modo como o museu se constitui como um objeto simbólico que produz sentidos na história.

No percurso trilhado por esta historiadora e analista do discurso e em meio a muitas pesquisas realizadas, surgiram diversos questionamentos, um deles resultou neste trabalho que teve como foco central interpretar quais os sentidos produzidos no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo sobre a Revolução de 32 na cidade de Pouso Alegre.

Muitas destas pesquisas foram realizadas no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo, e caminhando por entre a memória de nossa cidade no museu, me inquietou entender como Pouso Alegre participou ativamente de um movimento marcante para a história de nosso país. O museu é organizado por núcleos temáticos e existe um núcleo temático dedicado à Revolução de 32, dada a importância deste movimento.

O Museu Histórico Municipal Tuany Toledo é compreendido neste estudo como espaço de linguagem e conhecimento, além do lugar de coleções de objetos antigos e de curiosidade da sociedade. E ainda mais, como um disseminador de discurso, de memória que produz diálogo e está em constante movimento. A leitura destes discursos foi observada com uma interação entre as informações disponíveis e a trajetória de vida dos diferentes sujeitos envolvidos no processo, revelando desta maneira interesses, identidade, cultura e formações ideológicas. Assim, conforme (ORLANDI, 2009) todo e qualquer objeto simbólico produz sentidos. Cabe ao analista dar visibilidade ao modo como esses sentidos são produzidos, considerando o museu um objeto simbólico.

Entendendo que o objeto de análise de quem se posiciona do viés da Análise de Discurso é o próprio discurso, tendo em vista que não encontraremos na

intertextualidade desse nosso *corpus*, um discurso apenas, mas sim, uma formação discursiva. Conforme (ORLANDI, 2009, p. 43) “se define como aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada – determina o que pode e deve ser dito”.

Para reflexão realizada neste trabalho e melhor compreensão de nosso método de trabalho, entendemos que é indispensável compreender o contexto sócio histórico, para que o nosso objeto de estudo e análise sejam de fato entendidos, levando em conta o imaginário trabalhado e possivelmente construído neste momento através do nosso *corpus*.

No caminho trilhado durante toda a pesquisa buscamos perceber de que maneira se colocaram os arquivos da Revolução de 32 no museu; compreender como o museu configura em si uma memória de arquivo; analisar como diferentes objetos simbólicos arquivados produzem efeitos de sentido sobre a revolução.

O *corpus* de análise deste estudo é composto de textos biográficos, revistas, cartazes, memorialistas, mapas, montagem, fotografias, objetos referentes à Revolução de 32, todos disponíveis no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. É a partir desse *corpus* que direcionamos nosso olhar em busca do sentido do espaço do museu como memória da revolução, não observando estes materiais de análise como apenas um conteúdo depositado em um lugar institucionalizado, mas sim como uma materialidade discursiva que se significa no museu e se inscreve neste espaço histórico.

Dessa forma, nos colocamos em uma posição de análise calcada no viés da Análise de Discurso, ou seja, ao nos debruçarmos sobre a leitura do *corpus* da pesquisa, levamos sempre em conta o funcionamento linguístico e textual correlacionados com o contexto histórico – social da produção dos discursos ali perceptíveis. Enfim, na perspectiva de análise que adotamos, as questões linguísticas e textuais não foram entendidas como um leva e traz de pensamentos.

Não consideramos nem a linguagem como um dado nem a sociedade como um produto; elas se constituem mutuamente. Se assim é, o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz. Os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais. A Análise de Discurso tem uma proposta adequada a estas colocações, já que no discurso constatamos o modo social de produção da linguagem. Ou seja, o discurso é um objeto histórico-social,

cuja especificidade está em sua materialidade, que é a linguística. (ORLANDI, 2008, p.17)

Trabalhar com o discurso nos possibilita a compreensão do passado para entendermos o presente. É através da análise do discurso, da interpretação da história que se compreende como os projetos políticos ideológicos ainda se constituem no tempo presente, seja nos entremeios, no não dito, mas especialmente na representação ideológica constituída através dos tempos. No ir e vir da memória¹ nos foi possível interpretar, entender a constituição da cidade e as interferências ideológicas que permearam seu percurso.

A cidade de Pouso Alegre se viu polvorosa em meados do ano de 1932 com a revolução batendo em suas portas e modificando totalmente o cotidiano dos sujeitos residentes deste espaço. Vários comerciantes se mudaram para cidades vizinhas, assim como muitos de seus moradores. O som do canto dos pássaros ouvidos ao longe foi substituído pelo som dos canhões.

A Revolução de 32 modificou nosso país política, financeira e socialmente. Foi um momento de duras decisões para todos, onde Minas Gerais e São Paulo se viram envolvidas. Um dos embates ocorreu nos arredores de Pouso Alegre e região, o Sul de Minas se viu invadido por tropas paulistas. A revolução chegara a nossas portas ameaçando a paz e tranquilidade dos que aqui viviam. As tropas mineiras juntamente com seus aliados estavam preparadas nas trincheiras abertas pelos valentes soldados na frente.

Tal revolução é sentida pela população com medo, recuo, insegurança, ao mesmo tempo que no museu o sentido é colocado como força, resistência, poder militar, vitória.

A sociedade torna-se assim palco de disputa. Discursos de interesses, política e poder, domínio e subordinação, tornam-se práticas cotidianas do espaço público, onde a vida cotidiana passa por processos de construção social.

¹ Cf. DOMINGUES, Andrea Silva. *A arte de falar: redescobrimdo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio / MS. Jundiá: Paco, 2011.*

Entendendo o museu como um espaço onde o sujeito se constitui de – e – na linguagem, que possui historicidade que compõe a memória que conduzimos este trabalho com:

A intenção de superar a análise histórica, sob o ponto de vista das totalidades, tem conduzido cada vez mais historiadores à investigação do micro história e ao uso da Análise de Discurso de linha francesa, que propõe a compreensão dos nexos e das relações sociais imbricadas nas formas de significar da atividade humana em todas as suas manifestações. É a partir desta intenção que se fala em totalidade, traduzida na compreensão de novos temas de pesquisa relacionados com as particularidades da vida cotidiana e que vêm sendo discutidos entre analistas de discurso e historiadores. (DOMINGUES; CARROZA, 2013, p.08)

Para isto, o diálogo das disciplinas História e Análise de Discurso foi fundamental, de maneira que se pode construir um olhar crítico que implica colocar-se diante da problemática do presente como protagonista e ir além do dito.

Ao trabalharmos com a noção de contexto sócio histórico, estaremos abordando o museu não somente de forma autônoma no que diz respeito aos seus enunciados, mas como base para reflexão, a sua relação necessária com as “tramas” sociais e históricas do momento na cidade, sempre percebendo que:

O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico. (ORLANDI, 2006, p.62)

Apresentado sucintamente o posicionamento teórico, podemos dizer que nossos esforços foram direcionados para o levantamento de leituras e interpretação do *corpus* de análise e sua organização no museu, pois o material contido no museu é separado e organizado em grupos temáticos e um destes é dedicado a Revolução de 32. Nossa interpretação foi na direção de buscarmos sempre ter um olhar histórico e político, analisando este acontecimento dentro das tramas do momento histórico, seja os regionais ou nacionais deste momento, pensando a historicidade da sociedade pousoalegrense e dos sujeitos envolvidos na escrita e na divulgação desses periódicos.

Ao realizar nossas pesquisas e ao analisar o *corpus*, notamos que o museu representa grupos e ideologia política, sendo possível notar nitidamente a disputa pelo poder, onde prevalecem os interesses de uma classe dominante. Assim, para

pensar o museu como forma de controle, de memória, que constrói valores e comportamentos, foi necessário para entendermos a constituição da linguagem e da sociedade na cidade de Pouso Alegre em Minas Gerais.

Tornou-se relevante esmiuçar a Revolução de 32 na cidade de Pouso Alegre no capítulo 1, o qual trabalhamos principalmente com cartazes e fotografias, tentando perceber as formações ideológicas e discursivas, pois a partir da linguagem deste *corpus*, acreditamos aprofundar nossos entendimentos acerca deste acontecimento discursivo e histórico, e os sujeitos sociais envolvidos, interpelados pelas formações ideológicas.

Foi necessária para realização desta pesquisa uma discussão sobre a posição teórica – metodológica e alguns conceitos fundamentais da Análise de Discurso, os quais foram norteadores para nossa empreitada, conceitos tais que serão apresentados em nosso capítulo 2 intitulado Dispositivo Teórico e a Pesquisa.

Conforme mencionamos anteriormente, ao abordarmos o arquivo do museu sobre a Revolução de 32 na cidade de Pouso Alegre, nos enveredamos nos possíveis discursos perceptíveis, levando em conta o contexto sócio histórico e toda a trama nas relações de poderes ali presentes, bem como compreender o museu como um espaço de circulação da memória, conteúdo este que será aprofundado no capítulo 3 que tem como tema: O museu, enquanto lugar de memória.

Enfim para compreender o funcionamento do discurso da e sobre a Revolução de 32, bem como a memória discursiva e de arquivo “apresentada” no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo da cidade de Pouso Alegre, onde estão arquivados materiais deste acontecimento, que em sua grande maioria representam os sujeitos paulistas envolvidos na batalha, propomos nossa análise para que seja possível um maior entendimento do sentido deste acontecimento histórico e discursivo para a cidade de Pouso Alegre, oportunizando entender o museu como espaço de memória e de disputas.

CAPÍTULO 1

A REVOLUÇÃO EM POUSO ALEGRE

“Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos, de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam, uma antiga lição
De morrer pela pátria, e viver sem razão”.
Geraldo Vandré

1.1 A Criação e Organização do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo

O Museu Histórico Municipal Tuany Toledo se constitui de um vasto acervo², entre ele o de objetos decorativos, de iluminação, de transporte, assim como mobiliário, vestuário, utensílios domésticos e de uso pessoal, instrumentos de trabalho. Conta também com um acervo textual, cartográfico e iconográfico – textos diversos, mapas, plantas, projetos arquitetônicos e um conjunto de documentos da Câmara Municipal da cidade, ainda um acervo fotográfico – fotos, originais e negativos flexíveis e de vidro. O acervo se completa com a reunião bibliográfica – livros, periódicos, catálogos e jornais.

Tal acervo tem sua organização em núcleos temáticos nos quais destacam-se os da Revolução de 32, da Segunda Guerra Mundial, da Diocese, dos escritores pousoalegrenses. Oportunizando a esta pesquisadora um extenso *corpus* de análise, do qual optamos por realizar um recorte da Revolução de 32 e seu sentido em Pouso Alegre. Para compreender nosso objetivo geral é fundamental compreender a constituição da cidade e do espaço do museu. É interessante salientar que todo o arquivo do museu Tuany Toledo foi formado pela doação dos componentes e organizado por seu idealizador Alexandre de Araújo.

² REVISTA MHMTT. *Memórias de Pouso Alegre*: Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Pouso Alegre: Câmara Municipal de Pouso Alegre, 2010.

Torna-se necessário retomar em que condições se dá a formação do museu para que possamos refletir sobre a “constituição de uma instituição social que participa do processo de produção de arquivos” (ORLANDI, 2013, p. 11).

O Museu³ iniciou-se em 1965, quando Alexandre de Araújo, um pousoalegrense entusiasta em preservar as memórias de sua cidade, realizou uma primeira exposição de objetos na Casa Vitale e sobre tal exposição escreveu:

A história de Pouso Alegre, pela primeira vez retratada nessa exposição nas vitrines da Casa Vitale, na avenida Doutor Lisboa, por ocasião do 117º aniversário da cidade(...). Exposição organizada por Alexandre de Araújo. Vitrines da Casa Vitale. Esta relação é o embrião que crescerá redundando num museu, retratando o passado de Pouso Alegre.⁴

Depois de algum tempo juntamente com outros entusiastas, organizou uma mostra para comemorar o aniversário de 117 anos da cidade. Em 1984 foi criada a “Galeria para Exposição de Fotos, Documentos e Antiguidades de Pouso Alegre”. Em 1985 criou a “Galeria Tuany Toledo”, por fim em 1990 o “Museu Histórico Municipal Tuany Toledo”.

Se pensarmos o museu na relação com a comemoração e a rememoração, podemos observar que o museu de Pouso Alegre é instalado no aniversário da cidade a partir de uma exposição comemorativa. O museu celebra algo que é da história da cidade. Comemora/rememora algo da cidade. Elege o que rememorar dela e assim institucionaliza uma história, ou melhor, uma versão da história da cidade.

O museu foi nomeado em homenagem ao congonghalense, farmacêutico, jornalista e político que se dedicou ao comércio Tuany Toledo. Começou sua vida pública em Congonhal sua cidade natal, como vereador e trouxe diversas benfeitorias para a cidade - luz elétrica, abastecimento de água. Em Pouso Alegre, foi presidente da câmara e prefeito municipal, atuação política esta que teve como destaques a educação e a construção do Parque Infantil na cidade. Tuany Toledo incentivava a preservação da memória e em um de seus artigos destaca:

³ Ibidem.

⁴ SANTOS, Luana Taís dos. *Museu Histórico Municipal Tuany Toledo (MHMTT) memórias de Pouso Alegre/MG em movimento*. 2013. 75f. Monografia – UNIVAS, Pouso Alegre, 2013.

Sou dos que pensam que um empreendimento como este tem um sentido de expressão cultural e, por isso, merece o apoio de todos os homens que respeitam os valores da inteligência... Que os jovens e os varões desta cidade recolham os exemplos do passado e continuem a lutar pelas letras e pelas artes, a fim de que no futuro possam demonstrar que não foram perdidos os esforços daqueles valentes idealistas que ofereceram a Pouso Alegre tão glorioso patrimônio⁵.

Ao Toledo dizer que o museu tem “sentido de expressão cultural”, observamos que este busca um sentido amplo deste espaço e arquivo da cidade, que traz em seu bojo memória de um município significativo para o Sul de Minas. Observa-se ainda o destaque “que os jovens e os varões desta cidade recolham os exemplos do passado e continuem a lutar pelas letras e pelas artes.” A constituição do museu da cidade teve o objetivo de manter a memória em movimento das novas gerações, oportunizando ao sujeito leitor do museu diferentes olhares, de diferentes acontecimentos, que podem ser visualizados pelo visitante, sendo o museu um lugar de memória e discurso, do qual a posição sujeito de cada observador deste lugar irá realizar a sua leitura e (re) significá-la em seu tempo.

Importante destacarmos que a posição sujeito é entendida aqui pelo viés do discurso, não observando o sujeito apenas empiricamente, e sim aquele sujeito discursivo que é determinado pelos aspectos ideológicos, históricos e sociais, que se constitui por diferentes fatores como a memória, o esquecimento, pelos seus dizeres, enunciados, pois cabe lembrar que como nos diz (ORLANDI, 2003, p.32).

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ao controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.

Observamos desta maneira que a noção de sujeito está atrelada a noção de sentido, e que a linguagem do museu tem sentido, porque se inscreve constantemente na história como Orlandi nos alerta. Os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem unicamente das intenções dos sujeitos, isto nos

⁵ REVISTA MHMTT. *Histórias de Pouso Alegre*: Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Pouso Alegre: Câmara Municipal de Pouso Alegre, 2012.

conduz a compreender que o indivíduo é interpelado, porém sempre assujeitado, pois este pode ocupar diferentes posições sujeito dentro do museu que é um espaço discursivo, tendo em determinados momentos um discurso e em outra visita outro discurso, pois a memória e a história estão em constante movimento, não é algo estagnado no passado, imóvel. Estamos aqui falando do museu como um lugar de memória e discurso, do qual não é homogêneo, podendo assim o sujeito visitante, observador, pesquisador, curador, funcionário ocupar diferentes posições sujeito dentro deste lugar, do qual aqui se trata do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

O sujeito do discurso é fruto de um entremeio - ele significa e é significado em determinadas condições pelo viés do interdiscurso, que sustenta seu dizer; é inscrito na e pela memória discursiva, que, por sua vez, está inscrita nas formações discursivas, que são inscritas nas formações sociais, e que se constituem nas injunções ideológicas. Para (PÊCHEUX, 1988, p. 163) “o sujeito se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina”. É sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para se produzir sentidos é afetado por elas. “(...) É assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se não se submeter à língua e à história, não se constitui, não fala, não produz sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 50).

1.2 A cidade como espaço político simbólico

A cidade a muito viu-se envolvida por movimentos revolucionários⁶. E mesmo ainda sendo uma vila já alçava extensos voos no âmbito da política.

O movimento da Sedição Militar de Ouro Preto foi o primeiro a incomodar os pousoalegrenses em 1833, no qual estava envolvido o então deputado e conselheiro do governo padre José Bento. O padre foi preso pelos revolucionários de Ouro Preto e Pouso Alegre respondeu enviando uma companhia de guardas sob o comando do capitão José Francisco Pereira Filho. Toda munição que seria utilizada pela marcha

⁶ GOUVEA, Octávio Miranda. A História de Pouso Alegre. 2ª edição; Pouso Alegre: Gráfica Amaral, 2004.

foi fabricada na vila, mas não chegou a ser gasta, visto que o governo abafou a rebelião.

No entanto, logo o município estava envolvido na Revolução Liberal de 1842, chefiada pelo Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar⁷. Comandou a revolução⁸ ao lado do padre Diogo Antônio Feijó no combate à ascensão dos conservadores no início do reinado de Dom Pedro II. Tal acontecimento ecoou em Minas Gerais na cidade de Baependi e por consequência no Sul de Minas. Pouso Alegre integrou-se em número de 360 soldados sob o comando do Coronel Julião Florence Meyer. As tropas foram se acrescentando a várias outras e depois de vários dias conquistaram a rendição dos sediciosos.

Todavia, em 1930 a cidade novamente tinha como cenário uma revolução em suas portas, tal revolução liderada por Getúlio Vargas. Pouso Alegre sede do 8º R.A.M. o qual era fiel a Washington Luiz era ameaçada por tropas que apoiavam os revoltosos. Parte das tropas revolucionárias se concentraram em Ouro Fino e Borda da Mata e outra parte em Pouso Alegre. O 8º regimento reteve as primeiras tropas, causando assim um embate onde chegou-se a ouvir alguns tiros de canhão nos arredores do bairro Vendinha da cidade. O conflito se findou com um acordo firmado por Dom Otavio Chagas de Miranda entre as partes envolvidas.

1.3 A Revolução de 32 presente no museu

Alguns fatos antecederam⁹ a Revolução de 32. Getúlio Vargas subiu ao poder através de uma revolução em 1930 e instituiu um governo provisório tomando algumas providências como substituir os governadores de Estado por interventores nomeados por ele, com exceção de Minas Gerais que foi mantido; como também

⁷ Rafael Tobias de Aguiar – nasceu em Sorocaba, 4 de outubro de 1794 e faleceu no Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1857. Foi um político e militar brasileiro paulista.

⁸ REVOLUÇÃO. *Liberal*. Disponível em: <<http://www.museudacidade.sp.gov.br/solar-rafaeltobias.php>>, acesso em: 16 mar. 2017.

⁹ O Caderno de campo é o local de anotações particular desta pesquisadora, onde registramos não apenas observações relativas aos diálogos informais para reconhecimento do espaço da pesquisa e de seu material de análise, mas também sobre as etapas do trabalho e detalhes do espaço, auxiliando desta maneira como um corpus de análise criado pela própria pesquisadora para melhor interpretação.

mandar queimar várias sacas de café para manter o preço alto deste produto que despencou com a Crise de 1929. Então Vargas entra em conflito com os cafeicultores. Os cafeicultores paulistas se opõem ao governo provisório de Vargas e logo encontram apoio dos profissionais liberais e dos estudantes. Eles queriam a saída de Vargas do poder, uma nova constituição, mais autonomia para São Paulo e que o interventor de São Paulo fosse civil e paulista. Várias manifestações ocorreram e foi durante uma destas que morreram quatro estudantes, Mario Martins de Almeida, Euclides Miragaia, Dráusio Marcondes de Souza e Antônio Camargo de Andrade. Os estudantes eram conhecidos como Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo. Eles pertenciam ao grupo mais radical da revolução, o MMDC (as iniciais dos nomes dos jovens mortos no conflito). Essas mortes foram à gota d'água para o início da Revolução de 1932.



Figura 1 - Cartaz do MMDC¹⁰

O cartaz que chama a população paulista para apoiar a Revolução de 32 simboliza esse chamamento a luta.

A Revolução iniciou-se em 9 de julho de 1932 como o apoio de 90% da população de São Paulo. Quando a revolução¹¹ começou, Minas não se opôs ao governo. Desde então, diversos reservistas foram mobilizados para conterem o levante e alguns santarritenses estavam entre eles. Como o jovem Antônio Lemos

¹⁰ CARTAZES: *Revolução de 32*. Disponível em: <<http://www.tudoporsaopaulo1932.blogspot.com.br>>, acesso em: 14 maio 2014.

¹¹ NOTÍCIAS. *Revolução de 32*. Disponível em: <<http://www.emporiodenoticiasblogspot.com>>, acesso em: 14 maio de 2014.

Carneiro que em março de 1932 alistava-se como soldado do 8º Regimento de Artilharia de Montanha, em Pouso Alegre.

Soldado Carneiro realizava as funções de comunicação entre seu grupo e o restante do batalhão e de reparação nos aparelhos elétricos do exército.



Figura 2 – Continência à Bandeira no Batalhão de Pouso Alegre¹²

Com todo este rebuliço acontecendo, as tropas paulistas¹³ já se encontravam no sul de Minas e as tropas aliadas ao governo getulista se concentraram em Pouso Alegre, cidade considerada estratégica para a mobilidade ferroviária. Os paulistanos revolucionários estavam nos arredores de Borda da Mata e os legalistas tratavam de cavar trincheiras no bairro São João (antiga Vendinha), no bairro das Cruzes e no São Geraldo (antigo aterrado).

Em uma das calmas tardes na cidade de Pouso Alegre ouviram-se os primeiros dos muitos tiros, fato este que desarranjou a calma instantaneamente. Tropas mineiras vindas de São João Del Rei e Ipameri usaram de sua artilharia pesada sobre os revoltosos paulistanos, ao mesmo tempo em que soldados do 8º

¹² CONTINÊNCIA. *Revolução de 32*. Disponível em: <<http://www.emporiodenoticias.com>>, acesso em: 14 maio 2014.

¹³ ARAÚJO, Alexandre de. *Pouso Alegre através dos tempos: sequência histórica*. Pouso Alegre: Câmara Municipal de Pouso Alegre, 1997.

Regimento de Artilharia Montada de Pouso Alegre bombardeavam os revolucionários.



Figura 3 – Soldados mineiros cavam trincheiras em Pouso Alegre¹⁴

Diante da busca de *corpus* imagético que traga registros acerca da Revolução de 32 na cidade de Pouso Alegre, percebemos a raridade de tais imagens. O arquivo do museu em sua maioria é formado de objetos sobre a revolução, isto é, objetos que dizem muito sobre tal acontecimento. Nesta imagem podemos ver o poder de fogo das tropas mineiras para se organizarem para o momento da batalha e dos ataques do qual utilizavam das trincheiras cavadas pelas enxadas com o intuito de instalarem os canhões para a proteção dos soldados. Ao fundo o conhecido canhão Krupp utilizado no confronto, ao mesmo tempo formando o contraste com a falta de proteção dos soldados muitos sem capacete e outros itens de proteção. Nota-se também a presença do improvisado na questão dos uniformes, não há uma unidade evidenciando a urgência do combate.

Como já mencionado o museu é constituído por núcleos temáticos, o da Revolução de 32 possui grande diversidade de materiais e objetos. Constatamos que vários desses objetos em sua maioria pessoais como fardas, medalhas,

¹⁴ Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

talheres, pratos, cantis, capacete, etc. são do sargento Edmundo Xavier que integrou o exército paulista.



Figura 4 – Farda bombacha

Notamos a constituição do corpo no manequim que sustenta a farda bombacha. Assim compreendemos que “a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia produz uma forma sujeito histórica com seu corpo. Há, eu diria, uma forma histórica (e social) do corpo, se pensarmos o corpo do sujeito” (ORLANDI, 2012, p. 86). O manequim remete ao corpo do soldado evidenciando a indumentária bélica. Poderia estar em um cabide ou afixado na parede, mas ao trazer representado no manequim tenta legitimar o corpo do soldado. Aqui a farda bombacha utilizada pelo Sargento Edmundo Xavier, que integrou o exército paulista durante a Revolução Constitucionalista de 32.

Vemos ao enunciar que a farda exposta no museu é paulista, denotando uma organização estratégica militar e planejamento para o combate, diferente da tropa mineira, como vimos na imagem anterior, não havendo uma unicidade nas indumentárias usadas pelos soldados dessa tropa.



Figura 5 – Capacete

Os dizeres da placa informativa sobre o capacete trazem possibilidades de discussão como essa união Estado e empresários no estado de São Paulo, com o objetivo de estabelecer a vitória. A força de referência histórica ao mencionar qual modelo pertence o capacete fazendo menção explícita ao modelo inglês.



Figura 6 – Utensílios pessoais

A relação dos objetos pessoais do soldado ligada a alimentação traz um outro olhar para a guerra, estabelecendo a questão humana do soldado que sente fome, sente sede; a humanização do soldado pela referência às políticas cotidianas que se materializam nesses objetos. A questão da guarda de objetos pessoais além da munição, oportunizando ir além de um evento histórico de confronto pautado em questões políticas e econômicas, mas sim sujeitos que se agenciaram, lutaram de acordo com os interesses do grupo.



Figura 7 – Distintivos e medalhas

Distintivos e medalhas pertencentes ao Sargento Edmundo Xavier. A esquerda, Sociedade dos Veteranos de 32 no 30º aniversário da revolução; ao centro, Pro Brasília Fiant Exímia – 9 de julho de 1932; a direita, Campanha Constitucionalista Pro Brasília Fiant Exímia – 9 de julho de 1932.

A medalha vai materializar toda uma atuação desse sargento na Revolução 32. Coloca esse sujeito como referência para outros soldados, constrói um imaginário de soldado, de como um bom soldado seria na sua atuação militar.

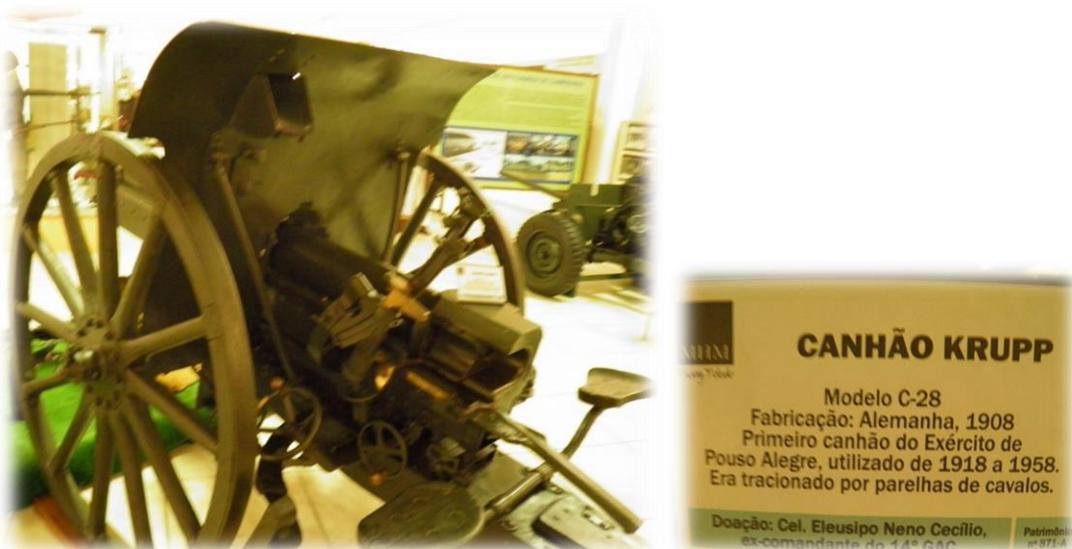


Figura 8 – Canhão Krupp

O poder bélico materializado no Canhão Krupp, que reforça os instrumentos para combater o adversário. Junto a ele a força de destruição como está descrito na placa, a necessidade de ser conduzido por cavalos. É um instrumento que vai ser

uma extensão dos soldados, pelo fato de ser preparado, munido, colocado na mira e disparado.

Ao mencionar a origem do canhão na placa, é reforçada a questão histórica ligada a Alemanha na atuação de guerras e produção de material bélico.



Figura 9 – Fuzil

Fuzil metralhador, instrumento mais leve diante do uso do canhão, e também de uso individual possibilitando uma maior atuação do soldado no combate.



Figura 10 – Granada Brant

Diferente dos outros objetos no museu, é exposto um material bélico produzido no Brasil e mais especificamente no estado de São Paulo, trazendo o interesse de produção de munição com o intuito também de baratear os custos da revolução. As granadas eram fabricadas pela Escola de Engenharia de São Paulo, carregadas com pólvora da cidade de Piquete.

O confronto terminou com a retirada dos revoltosos paulistas, destes contaram-se 12 mortos e vários feridos. Os mortos foram sepultados, após a encomenda dos corpos por Dom Otávio Chagas de Miranda, o então bispo da cidade de Pouso Alegre. A tropa legalista obteve somente uma baixa, saindo vitoriosa deste confronto.



Figura 11 – Recomendação dos corpos de soldados paulistas ¹⁵

A forte e marcante presença da igreja em vários âmbitos na cidade, aqui na encomendação dos corpos de soldados vencidos na batalha, acompanhada da presença de diversos membros da população pousoalegrense.

Isolados e sem apoio de outros estados, em outubro de 1932, os paulistas anunciaram a rendição. Getúlio Vargas nomeia um interventor paulista para o Estado e no ano seguinte convoca eleições para a formação da Assembleia Constituinte.

No museu essa relação dos objetos que se referem à Revolução de 32 traz de modo explícito a presença paulista. Assim, indagamos onde está a lembrança da atuação mineira nessa revolução? Ou seja, um museu numa cidade mineira traz de forma contundente o adversário. Algumas hipóteses podemos levantar, onde estão

¹⁵ Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

ou ainda existem vestígios da atuação mineira na revolução? Quais as intenções de evidenciar na sua grande maioria somente o poder bélico dos paulistas?

CAPÍTULO 2

DISPOSITIVO TEÓRICO E A PESQUISA

“(…) O discurso é assim palavra em movimento”.

(ORLANDI, 2001, p.15)

2.1 Pressupostos Teóricos

No final da década de 60, na França, em meio a um mundo marcado por conflitos e dividido pela guerra fria, surge a Análise de Discurso como disciplina de entremeio que envolve a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise como campos de conhecimento. Michel Pêcheux¹⁶ funda a Análise de Discurso partindo da crítica a esses campos de conhecimento, a AD surge em meio a questões sócio históricas como o avanço do capitalismo e discussões filosóficas acerca da epistemologia. “Uma aventura teórica” segundo Althusser.

E sob essa conjuntura, Pêcheux em 1969 publica sua obra “Análise automática do discurso”, um marco para os pensadores da época e para a recém-criada Análise de Discurso da linha francesa. “Esse livro é o primeiro momento de um itinerário” (MALDIDIER, 2003, p. 24).

No Brasil, a Análise de Discurso chegou no final dos anos 70 com Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi¹⁷, professora, pesquisadora e escritora.

¹⁶ Michel Pêcheux nasceu em 1938 e faleceu em 1983. Respeitável filósofo francês, completou seus estudos com o também renomado filósofo Louis Althusser, o qual teve grande influência em seus estudos. Em 1966, integrou-se no *Département de Psychologie de Le Centre National de Recherche Scientifique-CNRS*, departamento este, que dirigiu com excelência. Pêcheux é o precursor da Análise de Discurso que entende o discurso enquanto efeito de sentidos. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/home/lerArtigo.lab?id=48&cedu=1>>, acesso em: 21 abr. 2017.

¹⁷ Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi nasceu em São Carlos, possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (1964), mestrado em Lingüística pela Universidade de São Paulo (1970), doutorado em Lingüística pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Paris/Vincennes (1976). Foi docente na USP de 1967 a 1979, onde ensinou Filologia

Se a Análise do Discurso é herdeira de três regiões do conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 1999, p.20)

Orlandi faz da Análise de Discurso um lugar de referência dentro das Ciências da Linguagem e de nosso conhecimento acadêmico.

Como já mencionado a Análise de Discurso permeia três grandes áreas do conhecimento, a psicanálise, o marxismo e a linguística e se debruça sobre o sujeito e o sentido.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso (...). O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem em movimento. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (ORLANDI, 2013, p. 15)

O discurso é o homem falando, é a palavra em movimento. Ao analisar o discurso analisamos o próprio sujeito que se constitui pelo discurso. A Análise de Discurso entende que existem diversas formas de significar pela linguagem, isto levando em consideração as condições de produção.

Outra questão importante para a Análise de Discurso é a relação entre a língua, o sujeito e a história. “É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos” (ORLANDI, 2002, p. 47).

Na Análise de Discurso estão embutidos preceitos relevantes para compreendermos a sociedade como memória, ideologia. Olhar a história não

Românica, Linguística, Sociolinguística e Análise do Discurso Pedagógico. De 1971 a 1974 ministrou a disciplina de análise de discurso no curso de especialização em tradução na PUC/Campinas. Atuou como docente do Departamento de Linguística do IEL, na Unicamp, de 1979 a 2002. Atualmente é pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp, professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí e professora colaboradora do IEL da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: análise de discurso, linguística, epistemologia da linguagem e jornalismo científico. É pesquisadora 1A do CNPq. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3674250332927722>>, acesso em: 24 abr. 2017.

somente como um amontoado de fatos, mas sim como acontecimento discursivo, a história a partir de diferentes discursividades. Para (PÊCHEUX, 1997, p. 17) “acontecimento é um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”.

2.2 Museu e discurso

A Análise de Discurso é de fundamental importância para a pesquisa, visto que seus dispositivos teóricos analíticos propiciam uma reflexão sobre o discurso e a memória da Revolução de 32 no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Discurso este que apresenta uma ideologia dominante de poder, força e que determina os diferentes sentidos da revolução para os diferentes sujeitos imbricados no museu; o general Gilberto Azevedo, o curador do museu – Alexandre de Araújo e a cidade de Pouso Alegre.

Com base no referencial teórico da Análise de Discurso, este estudo buscou compreender os sentidos produzidos no Museu sobre a Revolução de 32 na cidade de Pouso Alegre. A análise do *corpus*, o painel montado pelo general, as fotografias, as peças, entre outros nos possibilitou perceber tais sentidos e ideologia. É neste caminho ramificado e influído pela complexa situação política que se encontrava o país, que compreendemos o funcionamento dos discursos sobre a Revolução de 32 no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

Percorrendo neste caminho encontramos o discurso do general, ideologicamente positivista, formulado a partir de ideias patrióticas e influenciado pela política. Assim como também o discurso do curador do museu por muitas vezes folclorizado, estático, preso a discursos oficiais. Sobre tais discursos (DOMINGUES; CARROZA, 2013, p. 151) nos elucidam “ao realizar os estudos nas Ciências da Linguagem, sobretudo os que têm como foco de questionamento a memória, identificamos que os ‘discursos fundadores são espaços da identidade histórica e memória temporalizada, que se apresenta como institucional, legítima’ (ORLANDI, 2003, p.13), fazendo emergir a questão dos discursos oficiais e das diferenças”.

Assim sendo, fundamentada nos princípios teóricos da Análise de Discurso da linha francesa, na área de concentração de “Linguagem e Sociedade”, compreendemos que a linguagem está atrelada às práticas culturais e a história que se encontram em constante movimento. E inserida na linha de pesquisa “Análise de Discurso” a qual traz a relação do sujeito com a história e memória em seus processos de significação que buscamos compreender os discursos no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

2.3 Patrimônio

Torna-se importante trazer as várias definições de patrimônio, no direito a palavra designa os bens, direitos e obrigações de valor econômico e pertencentes a uma pessoa ou empresa; para a contabilidade é a parte jurídica e material da empresa. Mas, o sentido que nos interessa é o de patrimônio como conjunto de bens, deveres e obrigações de uma entidade.

Tal entidade, aqui representada pelo Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Um arquivo que guarda as memórias da cidade de Pouso Alegre, as quais estão gravadas em seu patrimônio cultural. Por patrimônio cultural entendemos: a vida, o corpo, a linguagem, ou seja, a soma dos bens culturais de uma comunidade ou grupo.

A Constituição Federal de 1988 atualizou o conceito de patrimônio cultural¹⁸:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. As formas de expressão;
- II. Os modos de criar, fazer e viver;
- III. As criações científica, artísticas e tecnológicas;
- IV. As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1º - O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de

¹⁸ Caderno da pesquisadora.

inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

Parágrafo 2º - Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dele necessitem.

Parágrafo 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

Parágrafo 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos na forma da lei.

Parágrafo 5º - Ficam tombados todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

Em nossa cidade temos muitos memorialistas que detêm grande parte do patrimônio cultural, guardando para si memórias que poderiam ser difundidas para a sociedade. Todavia encontramos também alguns destes, que institucionalizaram o patrimônio cultural, com a criação do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

O patrimônio cultural¹⁹ é dividido em três categorias.

1. Bens naturais – elementos pertencentes a natureza, ao meio ambiente;
2. Bens imateriais – refere-se ao conhecimento, ao saber fazer;
3. Bens materiais – que por sua vez se divide em dois grupos:
 - 3.1 Móveis – documentos de todo tipo, mobiliário, objetos, utensílios, imagens, entre outros;
 - 3.2 Imóveis – edificações.

O município tem uma lei de proteção do patrimônio cultural assim como também um Conselho Municipal do Patrimônio Cultural que é constituído para atuar na identificação, documentação, proteção e promoção do patrimônio cultural. É formado por representantes do poder público da sociedade civil, ajuda o executivo a definir as ações visando a proteção dos bens culturais, tomba e registra bens culturais do município.

A principal razão de preservar o patrimônio cultural é a melhoria da qualidade de vida da comunidade, que garante a continuidade das manifestações culturais.

2.4 Memória Institucional e Memória discursiva

¹⁹ Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

A memória é essencial no que se refere ao sentido de vida para o sujeito. E para uma instituição não deve ser diferente. A preservação da memória institucional é a possibilidade de construção de sentidos. Tal preservação deve trazer os sujeitos, o discurso destes, que faz parte dessa memória institucional e que contribui para a construção de sua história.

Preservar a memória institucional é trazer o passado para se compreender o presente e assim construir um futuro. É olhar para a história em movimento.

A memória em relação ao discurso, para Orlandi é o interdiscurso, o já-dito.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2013, p. 32)

A memória é formada de dizeres, reformulados a cada processo de significação. “A memória, o interdiscurso (...) é o saber discursivo que faz com quem ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo o dizer” (ORLANDI, 2010, p. 64). A partir disso, vemos a relevância do já-dito, palavras ditas ao longo do tempo e esquecidas, mas afetadas pelo esquecimento e ressignificadas a cada processo de significação.

Assim como a língua é sujeita a falhas, a memória também é constituída pelo esquecimento; daí decorre que a ideologia, diz M. Pechêux (1982), é um ritual com falhas, sujeito a equívoco, de tal modo que, do já dito e significado, possa irromper o novo, o irrealizado. No movimento contínuo que constitui os sentidos e os sujeitos em suas identidades na história. (ORLANDI, 2010, p. 65)

Assim como a memória é permeada pelo esquecimento, ela também o é pelo silêncio; o não dito, o que não se poderia dizer. Vemos aqui, a importância do silêncio para a Revolução de 32 na cidade de Pouso Alegre, visto que o silêncio já diz algo. O que não foi dito é significado. A memória é estruturada pelo esquecimento, é o que reflete Orlandi. Nesse sentido, se pensarmos o museu como um arquivo, ou seja, cuja memória institucional funciona na relação com esquecimento, é importante observarmos o que fica silenciado na e pela memória de arquivo. O que fica de fora do discurso sobre a Revolução de 32 no museu Tuany

Toledo? O que é apagado sobre esse acontecimento histórico? Pensar sobre isso permite justamente refletir sobre o processo de significação à medida que ao observar o que é dado a lembrar no museu, observa-se também o que é dado a esquecer, o que se apaga pela análise do material selecionado, material este que ressalta a memória dos soldados paulistas em atuação no sul de Minas Gerais e silencia a atuação dos soldados mineiros.

2.5 Ideologia

A noção de ideologia se faz primordial no entendimento da constituição dos sujeitos que constroem o discurso sobre a Revolução de 32 no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo, pois o sujeito somente se significa a partir da ideologia. A ideologia aqui não é vista como visão de mundo:

Não há realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. (...) a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário. São assim as imagens que permitem que as palavras colem com as coisas. (ORLANDI, 2012, p.48)

Entendemos que a ideologia está nas imagens refratadas pelo sujeito e sua relação com a história e a linguagem formuladas de suas posições ideológicas, pois tal relação não ocorre sem que o indivíduo seja interpelado pela ideologia. A ideologia é condição primária para a constituição do sujeito e dos sentidos.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito afetado pela língua com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados pela língua. (ORLANDI, 2013, p.47).

A partir disso, alicerçados nesta contribuição teórica, compreendemos que os sentidos produzem efeitos diferentes para diferentes interlocutores. Constatamos a

ideologia em funcionamento em nossa pesquisa, seja nos objetos encontrados no museu, nos textos e nas fotografias que trazem em si o desejo político de um período de disputas de poderes, dos quais tinham como objetivo derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte.

CAPÍTULO 3

O MUSEU, ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA

“Não se ama um lugar cuja história a gente não conhece”.

Ten. Rogério Fernandes de Oliveira²⁰

3.1 O espaço da cidade e sua interlocução com o museu

Pouso Alegre²¹, cidade situada no sul de Minas Gerais, é margeada pela Rodovia Fernão Dias, denominação da BR 381, rodovia de suma importância para o país que liga São Paulo a Belo Horizonte.



Figura 12 – Mapa de Pouso Alegre

²⁰ REVISTA MHMTT. *Histórias de Pouso Alegre: Museu Histórico Municipal Tuany Toledo*. Pouso Alegre: Câmara Municipal de Pouso Alegre, 2012, p. 70.

²¹ MAPA. *Pouso Alegre*. Disponível em: <<http://www.br381.com.br/cidades/pousoalegre/mapa.htm>>, acesso em: 10 mar. 2017.

A origem²² da cidade está associada a Fernão Dias, que com sua expedição adentra o sertão e chega às terras que mais tarde formarão a capitania de Minas. Em 1740, a região do Sul de Minas começa a ser povoada com a criação do arraial de São Cipriano que posteriormente formou a cidade de Campanha. Pouso Alegre iniciou-se com o estabelecimento de famílias nas margens do Rio Sapucaí, as famílias de Carlos de Araújo e Antônio José Machado constituíram o início do que mais tarde seria o arraial do Bom Jesus.

A Freguesia do Senhor Bom Jesus de Pouso Alegre, vulgarmente chamada de Mandu, foi criada por um alvará expedido pelo Príncipe Dom João VI, em 06 de novembro de 1811. Em 13 de outubro de 1830 passa à Vila e pela Lei nº 433 de 19 de outubro de mil 1848 recebe o título de cidade.

Transferido de São Paulo para a Capitania de Minas Gerais, D. Bernardo José de Lorena passou pelo povoado, encontrando o Juiz Dr. José Carneiro de Miranda que ficaram maravilhados pela beleza do lugar e um deles dissera que o lugar não se devia chamar Mandu, mas sim, Pouso Alegre.

Graças à iniciativa do engenheiro Benjamim Franklin Silviano Brandão²³, a instalação de energia elétrica começou a funcionar em 1907, marcando Pouso Alegre como a primeira cidade do Sul de Minas com tal melhoramento.

Assim a cidade obteve vasto crescimento, geográfico, industrial e comercial, os quais influenciam diretamente no fator populacional, tendo em vista que a cidade recebe diariamente uma grande população flutuante, e também a imigração e migração de pessoas que escolheram a cidade como lar, além do aumento considerável de sua população natal.

A imigração de várias etnias e em maior número os europeus, norte africanos e oeste asiáticos – região que compreende o Oriente Médio ajudou de forma concreta no desenvolvimento da cidade. Os imigrantes²⁴ chegaram por aqui no século XIX e formaram colônias na cidade, trazendo consigo técnicas agrícolas, artesanais e vasto ramo comercial como: marcenaria, barbearia, hotelaria, relojoaria,

²² REVISTA MHMTT. *Memórias de Pouso Alegre*: Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Pouso Alegre: Câmara Municipal de Pouso Alegre, 2010.

²³ Benjamin Franklin Silviano Brandão nasceu em Pouso Alegre em 27 de junho de 1878, foi engenheiro e político brasileiro. Em 1907, fundou a Companhia de Força e Luz, fazendo de sua cidade natal uma das primeiras a ter energia elétrica no país.

²⁴ ORIGEM. *Pouso Alegre*. Disponível em: <<http://www.tvuai.com.br/pousoalegre/home.html>>, acesso em: 10 abr. 2017.

sapataria, fotografia e muitos outros. Sobrenomes como Rigotti, Guersoni, Vitalli, Bertolacini, Machado, Piffer, Eiigeimann, Sarkis, Bechara e muitos outros formaram o cimento que juntamente com os nascidos em Pouso Alegre construíram a cidade.

Ao historicizar a cidade de Pouso Alegre e por acreditarmos que a linguagem constitui memória, ideologia, um movimento constante que nos conduz a compreender a história e seus acontecimentos. Ao interpretar nosso *corpus* percebemos que a cidade fala, o espaço urbano enquanto espaço político-simbólico é lugar de sujeitos e significantes como nos esclarece (ORLANDI, 2004), é constituído de lugares de memória. Com isso, podemos ver os sentidos textualizados no museu Tuany Toledo: nas fotografias, nos mapas, nas peças, dos quais nos explicitam sentidos sobre o confronto; os lugares de enfrentamento, silêncios, sentidos, posições sujeito das pessoas envolvidas.

Na busca de melhor compreender o sentido do conceito de cidade retomamos a leitura de (ORLANDI, 2004, p. 67):

A cidade é organização, é injeção a trajetos, a vias, a repartições, a programas, a traçados e a tratados. Do ponto de vista simbólico, entretanto, organização e desorganização se acompanham. Assim, pensando os sentidos da/na cidade, e procedendo a uma observação sustentada na análise de discurso, nossa apresentação visa mostrar como as relações sociais (urbanas) se significam na reprodução e na ruptura, através da emergência de falas desorganizadas que significam lugares onde sentidos faltam, incidência de novos processos de significação que perturbam ao mesmo tempo a ordem do discurso e a organização do social. O conhecimento desses processos contribui para a melhor compreensão do que tem sido tratado sob o nome genérico de “conflito social”. A linguagem, nessa nossa perspectiva, não é trabalhada para enumerarmos as várias funções da linguagem na cidade, mas ela nos permite compreender o funcionamento do urbano, do cidadão, do social nesse espaço simbólico específico que é a cidade.

Para muitos, viver em Pouso Alegre é estar em um pedacinho do paraíso, há muitos pousoalegrenses aficionados pela cidade. Um destes se destacou, Alexandre de Araújo²⁵ nasceu em Pouso Alegre no ano de 1922 trazendo muita alegria a seus pais dona Luiza e senhor Sebastião. Foi uma criança ativa e feliz, nadava no rio, brincava, estudava e adorava cinema e sorvete, hobbies que fazia questão de satisfazer com seu trabalho. Conduzia com seu carrinho de madeira as compras feitas pelas donas de casa no Mercado Municipal. Senhor Alexandre se aventurou

²⁵ REVISTA MHMTT. *Memórias de Pouso Alegre*: Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Pouso Alegre: Câmara Municipal de Pouso Alegre, 2010.

pelo Brasil ao servir as Forças Armadas, passou por Olinda, Rio de Janeiro, Juiz de Fora e Belo Horizonte. Quando voltou a sua cidade natal foi convidado a assumir o cargo de secretário executivo da Câmara Municipal, cargo este exercido por diversos anos. Em 1997 publicou dois livros e ao longo de sua trajetória recebeu diversas homenagens pelo seu trabalho na preservação das muitas memórias e histórias de sua querida Pouso Alegre.

Alexandre de Araújo transformou seu apreço por sua cidade em uma exposição que mais tarde se tornou o Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Como um *flâneur* Alexandre de Araújo observava sua amada cidade e colhia cada detalhe observado.

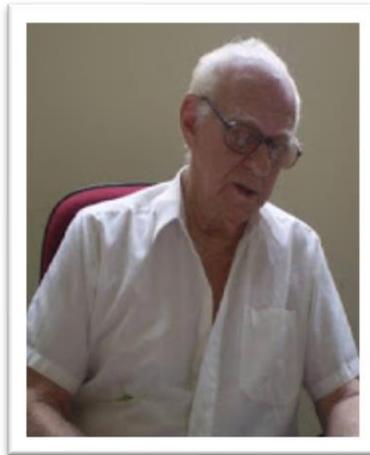


Figura 13 - Alexandre Araújo ²⁶

Um destes detalhes se tornou o núcleo temático da Revolução de 32, constituído de vários objetos utilizados pelos soldados no embate. Alexandre de Araújo se dedicou com carinho ao museu Tuany Toledo, vindo a falecer aos 91 anos de idade e sendo lembrado no tempo presente em todas as ações do Museu.

3.2 Arquivo e museu

²⁶ REVISTA. *Museu*. Disponível em: <<http://museutuanytoledoblogspot.com.br>>, acesso em: 10 mar. 2017.

A noção de arquivo vem sendo reconstruída, isso nos remete a pensar que o museu aqui, é visto como arquivo e entendemos arquivo como José Horta Nunes, “o arquivo não é visto como um conjunto de dados objetivos dos quais estaria excluída a espessura histórica, mas como uma materialidade discursiva que traz as marcas da constituição dos sentidos” (NUNES, 2007, p. 374).

O arquivo deixou de ser apenas um amontoado de peças no qual seu sentido já estava posto e sua interpretação imbricada em tal significação.

E como historiadora e analista do discurso acreditamos que nos distanciamos da visão dos folcloristas, os quais apresentam os fatos de maneira fossilizada, ou seja, em um passado distante não se preocupando com os sentidos apresentados e até mesmo com o deslize destes sentidos no presente. E deste modo Domingues complementa:

Os estudos realizados por tais folcloristas são registros minuciosos, porém descritivos, sem a preocupação de abordar as diferentes formas, por meio das quais os sujeitos sociais, hoje, experienciam os fatos. (DOMINGUES, 2007, p. 89)

Importante ressaltar que a análise de discurso trouxe noções que ampliaram a noção de arquivo, como as diferentes maneiras de se ler o arquivo, essa pluralidade dos gestos de leitura tornam-se um espaço polêmico que ramificará em múltiplas interpretações e múltiplos sentidos. Há de se levar em conta a noção de compreensão de Eni Orlandi, “praticar a compreensão na leitura é não somente levar em consideração uma ou outra interpretação, mas ter em vista os conflitos de interpretação. É atentar para os vários direcionamentos de sentido que funcionam em um mesmo espaço discursivo” (ORLANDI, 1988, p. 117). Tais gestos de interpretação é que vão desconstruir aquela interpretação já posta e unívoca que não considera o movimento dos sentidos, há vários fatores que movem estes gestos: as condições de produção, a sua posição sujeito, a ideologia, etc.

Ressaltamos a análise de discurso como uma disciplina de entremeio, isto é, entre a língua, a história e o sujeito, pois a mesma trabalha sempre nos limites da interpretação, constantemente articulando o dispositivo teórico e o analítico (ORLANDI, 2006).

O Museu Histórico Municipal Tuany Toledo possui uma especificidade, está acoplado à Câmara Municipal da cidade, uma vez que é mantido pela câmara. O que nos faz pensar em que medida estaria então submetido ao poder público municipal. Em termos de condições de produção, essa especificidade é importante, pois apresenta um museu que diretamente (e até fisicamente) está ligado à outra instituição. Essa determinante, em certa medida, salienta as relações político-institucionais da cidade. O museu é um lugar que representa uma realidade do movimento histórico da cidade, que se inscreve discursivamente, que expõe uma dada “realidade” de determinado espaço e tempo que envolve diferentes sujeitos, causando efeitos de sentido, que faz deste lugar um acontecimento discursivo e histórico, que é entendido além dos fatos imobilizados.



Figura 14 – Marco da Revolução de 32

Diante da questão histórica da revolução na cidade de Pouso Alegre foi erguido um monumento que fazia menção a Revolução de 32 no bairro da Vendinha, hoje São João onde ocorreu o combate. Monumento este que marcava a importância do combate e a memória dos combatentes, mas que também após a

sua demolição vem a simbolizar o desinteresse público em manter a memória e a história de nossa cidade. O marco histórico da revolução foi construído dentro do espaço urbano como uma forma de registro desta memória, porém com o passar dos anos este foi esquecido e destruído por falta de cuidados públicos, ficando apenas neste local o registro de que ali houve um marco que representava a revolução, sendo então lembrado por muitos como o espaço que ocorreu a batalha.

Como Orlandi fala “a cidade tem assim seu corpo significativo. E nele suas formas” (ORLANDI, 2004, p.31). E nessas formas o monumento materializa a importância histórica de ter sido palco de um dos combates da revolução que envolve Minas e São Paulo. O monumento permite estabelecer o processo de significação dentro do espaço urbano trazendo as questões que afetaram a cidade e a história de Pouso Alegre.



Figura 15 – Placa comemorativa

Nota-se que algumas administrações municipais ainda se preocupam em materializar a lembrança do acontecimento na cidade de Pouso Alegre. O espaço onde ocorreu é um espaço simbólico de confronto onde jovens soldados lutaram por ideais. A placa acima evidencia a importância histórica deste evento junto a história da cidade de Pouso Alegre, tanto a placa como a figura 14, que se refere ao monumento demonstra que além do que se guarda no museu, ou seja da memória

de arquivo, institucionalizada, há marcas no espaço público da cidade que traz outros sentidos a batalha para os moradores de Pouso Alegre, sentidos estes que marcam a participação dos mineiros e não apenas a institucionalizada no museu que evidencia a participação paulista.

A interlocução entre o museu e a sociedade é fundamental na constituição do “olhar para”, isto é, de como ler os arquivos disponíveis para tal leitura. São nestes diferentes gestos de leitura que o sujeito-leitor se insere ou não. O olhar se dá a partir da posição do sujeito-leitor, do lugar que ele ocupa, como também das condições de produção dos arquivos ordenados.

3.3 A memória da Revolução de 32 em funcionamento no museu

Cabe destacarmos que a Revolução de 32 foi um acontecimento histórico que se iniciou quando Getúlio Vargas subiu ao poder em 1930 e instituiu um governo provisório. Vargas entra em conflito com os cafeicultores e estes, em oposição a ele, se uniram aos que desejavam a saída de Vargas do poder. A partir, daí várias manifestações ocorreram e estas culminaram ao início a Revolução de 1932.

Aqui, vemos a importância de diferenciar acontecimento histórico de fato histórico. O historiador realiza uma operação similar à de uma pessoa que pergunta as outras como foi o evento que perdeu. Quando o historiador está analisando uma pilha de documentos à sua frente, nada mais faz do que, de certa forma, dialogar com esses documentos. A diferença é que não é um diálogo com o enunciador do fato, mas um interrogatório com a sua mensagem. E sua pergunta não é qualquer pergunta, mas uma pergunta preparada, armada com um conhecimento de seu *corpus* e de seu assunto, pois como nos alerta (DELA-SILVA, 2008, p. 176) “o acontecimento histórico (...) pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentido diversos”.

Podemos notar o deslize dos sentidos da Revolução de 32 para os combatentes envolvidos, para a população das cidades e para o governo. Tal deslize é perceptível na análise do sentido da Revolução de 32 para o governo de

Vargas que almejava consolidar o poder e vencer o embate, para o general e os combatentes que evidencia os âmbitos políticos e sociais visto que, para eles o que realmente importava era a vitória sobre os paulistas. Já para a população de Pouso Alegre, a preocupação com a segurança toma conta dos moradores e muda completamente o cotidiano dos mesmos.

Conforme vemos na revista *Histórias de Pouso Alegre – Museu Histórico Tuany Toledo*, na edição de outubro de 2012. Encontramos a doação do General Gilberto Azevedo do painel referente a Revolução de 32 ao Museu Histórico Municipal Tuany Toledo:

O Gal. Gilberto Azevedo no dia vinte e cinco de abril, às dezessete horas fez a entrega oficial ao MHMTT de três infográficos sobre a história de Pouso Alegre. Cada painel foi resultado de minuciosa pesquisa realizada pelo General abordando a Revolução de trinta e dois, a Praça Senador José Bento e escritores de Pouso Alegre. General Gilberto Azevedo é pousoalegrense, grande colaborador do Museu e amigo pessoal do supervisor Alexandre de Araújo. Realiza trabalhos de pesquisa na área de história.²⁷

Podemos elencar segundo a construção da memória de acordo com o olhar do sujeito Gilberto Azevedo, três acontecimentos discursivos relevantes para a história de Pouso Alegre. A montagem é resultado de uma pesquisa tida como minuciosa, pode-se perceber manifestação ideológica produzindo um discurso atrelado ao militarismo.

O painel se encontra em separado do núcleo temático da Revolução de 32 no museu, pois a mesma está em posição de destaque evidenciando ainda mais a revolução dentro do espaço da exposição visto que, o visitante ao caminhar por entre o núcleo temático da Revolução de 32 no museu se depara com a montagem colocada em um painel de madeira de grandes proporções. O que significa um gesto de interpretação que o coloca em destaque.

²⁷ REVISTA MHMTT. *Histórias de Pouso Alegre*: Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Pouso Alegre: Câmara Municipal de Pouso Alegre, 2012, p. 70.



Figura 16 - Montagem²⁸ realizada pelo General Gilberto Azevedo – 1930/1932

A montagem produzida pelo General Gilberto Azevedo é um mapa que passa por um processo de montagem, pois a ele são acrescentadas fotos, desenhos enunciados etc. Tal mapa se encontra fora dos padrões cartográficos, no que se diz respeito a escala²⁹, que mostra a razão entre a distância no mapa e a distância real. Teoricamente neste caso seria de 1:190.000, mas ao que se refere a curvas de nível que representa o quão alto ou baixo é um terreno, cada linha representa uma altura padrão acima do nível do mar; estas se apresentam no mapa.

A montagem tem especificidades, uma delas a de mostrar. A montagem é um objeto simbólico que produz sentidos sobre a cidade, pois parte de um mapa que a delimita geograficamente, a significa como território, e ao atribuir a ela outras imagens, a significa na relação com a igreja, com o bairro, etc. Assim dá a ela a dimensão política e social já determinada, pois também não são colagens quaisquer.

²⁸ Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

²⁹ LER MAPA. *Escala, curva de nível*. Disponível em: <<http://pt.wikihow.com/>>, acesso em: 17abr. 2017.

No lugar da igreja podia ser uma escola, ou uma padaria. Mas é a igreja que tanto simboliza um determinado poder institucional, como também um lugar no espaço urbano que reúne a sociedade.

Podemos ler o texto construído nesta imagem como geopolítico, observado pelos pontos cartográficos nele inseridos e a posição-sujeito assumida pelo general influenciada pela moral militar, que prega de acordo com o Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército: valores, deveres e ética militares.

A profissão militar caracteriza-se por exigir do indivíduo inúmeros sacrifícios, inclusive o da própria vida em benefício da Pátria – esta peculiaridade dos militares os conduz a valorizar certos princípios que lhes são imprescindíveis. Valores, Deveres e Ética Militares são conceitos indissociáveis, convergentes e que se complementam para a obtenção de objetivos individuais e institucionais dedicação ao trabalho, sem, entretanto, vincular o sucesso a ser alcançado a Deus. As Instituições Militares possuem referenciais fixos, fundamentos imutáveis e universais. São os valores militares, as manifestações essenciais dos valores militares são: Patriotismo, civismo, fé na missão do exército, amor na profissão, espírito de corpo e aprimoramento técnico-profissional. Esses valores influenciam, de forma consciente ou inconsciente, o comportamento e, em particular, a conduta pessoal de cada integrante da Instituição. A eficiência, a eficácia e mesmo a sobrevivência das Forças Armadas decorrem de um fervoroso culto a tais valores.³⁰

Escolhemos recortar partes do mapa e trazê-las a primeiro plano para melhor analisá-las:



Figura 17 – Símbolo da Artilharia

³⁰ Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército Brasileiro – aprovado pela Portaria nº 156, de 23 de abril de 2002.

Na leitura do mapa de início notamos o que mais se destaca na montagem, o símbolo de artilharia conforme figura, desenhado em dimensões extravagantes o que precisa o sentido da revolução para o general e para os militares envolvidos – poder / político. Assim na montagem a reprodução do símbolo da artilharia se encontra na base do painel, estrategicamente centralizado nos conduzindo a compreender os princípios que regem o exército brasileiro, que nos leva a entender a questão da força e poder de fogo.

Conforme (SOUZA, 2011, p. 391)

As imagens não são visíveis, tornam-se visíveis a partir da possibilidade de cada um projetar as imagens possíveis, que necessariamente, não compõem a estrutura visual do texto não verbal em si, mas que compõem a rede de imagens mostradas, indiciadas, implícitas, metaforizadas ou silenciadas.³¹

A imagem do símbolo da artilharia torna-se visível quando se lê e compreende alguns dos sentidos do painel. Ele torna-se um elemento que projeta força diante do inimigo, esse símbolo vai legitimar o combate contra os paulistas, tidos como revolucionários que queriam invadir a cidade de Pouso Alegre.

Consta no painel alguns dizeres referente ao combate:

O COMBATE	
LOCAL	Bairro da VENDINHA - Subúrbio Pouso Alegre - MG
INÍCIO	20 de Julho de 1932
FIM	22 de Julho de 1932

Figura 18 – O combate

O confronto ocorreu no bairro Vendinha, atual bairro São João. Nos dizeres do general “subúrbio”, notamos uma conotação de marginalização, que está fora do espaço urbano. A localidade ocupada foi estrategicamente pensada devido a questão geográfica, uma colina que possibilita avistar ao longe, como também ao

³¹ SOUZA, Tânia Conceição Clemente de. Imagem, textualidade e materialidade discursiva. In: RODRIGUES, Eduardo Alves. et al. (Orgs.). *Análise do discurso no Brasil: Pensando o impensado sempre - Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: RG, 2011.

aviso³² recebido de que as tropas paulistas chegariam pela região de Borda da Mata.

Encontramos na obra memorialística de (GOUVEA, 2004, p.142) os seguintes dizeres:

O encontro se deu no bairro da Vendinha, onde houve um combate, com vários mortos e feridos. Essa luta não foi apenas um episódio de valor secundário, mas, talvez, o maior combate de fogo contínuo de toda a revolução, visto ter durado cerca de 20 horas.³³

Percebe-se aqui a importância de trazer um mapa da cidade e seus arredores para a melhor compreensão da estratégia utilizada pelos combatentes mineiros, mesmo não sendo da época do combate, ou seja, 1932.



Figura 19 – Mapa bairro São João (Vendinha)³⁴

A MG – 290 é a estrada que liga Borda da Mata a Pouso Alegre e foi por esses caminhos que chegaram as tropas paulistas. O bairro da Vendinha na época bem menor em extensão e população fica nos arredores da cidade e se encontra em uma colina que permitiu o posicionamento estratégico para se armar barricadas e esperar o inimigo. A colina fica entre o caminho de Borda da Mata e o aglomerado populacional da cidade, marcado em vermelho no mapa, tal posição permitiu salvaguardar a população e acercar os inimigos, limitando o combate àquele local.

³² GOUVEA, Octávio Miranda. *A História de Pouso Alegre*. 2ª edição; Pouso Alegre: Gráfica Amaral, 2004.

³³ Idem, p. 142.

³⁴ Mapa. *Bairro São João*. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>, acesso em: 21 mar. 2017.

As tropas envolvidas no combate ocorrido na cidade de Pouso Alegre de acordo com o painel do general é um outro recorte da montagem:

TROPAS		
Atacante	Batalhão Patriótico "Fernão Dias Paes Leme" (820 homens) Organizado em Campinas	Cmt. Major PRIESCHER (Força Pública São Paulo)
Defensora	11° Reg. Infantaria São Del' Rey	Cmt. T Cel Porto Alegre
	6° Bat. Caçadores Ipamany GO	Cmt. T Cel Pyrineus
	8° RAM 3ª Bateria Pouso Alegre	Cmt. Cap Toscano de Brito
	Linha de Fogo	Cmt. Ten. Moacir A. Lopes

Figura 20 – Tropas

O general Gilberto Azevedo traz o número da tropa paulista, um considerável de 820 homens, mas não indica os números da tropa defensora. Perpassando ainda pela obra de (GOUVEA, 2004, p. 142) encontramos “os paulistas, em inferioridade de tropas e armazenamento, sofreram pesadas baixas”.

Os paulistas vieram com um batalhão, o Patriótico Fernão Dias Paes Leme, organizado na cidade de Campinas, enquanto os defensores aliavam-se: 11° Regimento Infantaria São João Del Rey, 6ª Bateria Caçadores Ipamany GO, 8° RAM e 3ª Bateria Pouso Alegre e se encontravam em maior número.

Outro recorte da montagem que nos aguçou, foi o local estabelecido para o quartel general dos defensores na cidade de Pouso Alegre, o Grupo Escolar Monsenhor José Paulinho.

Q. General Grupo Escolar "Mons. José Paulino" Cmt. Cel. Trompowsky

Figura 21 – Quartel General

O prédio do grupo escolar³⁵ foi inaugurado em 1912, construído onde era a residência do Senador José Bento Ferreira Melo, localizado no centro da cidade, na considerada como principal avenida do município, Doutor Lisboa. Assim, o quartel general dos defensores da Revolução de 32 estava muito bem localizado e alojado,

³⁵ QUARTEL GENERAL. Grupo Escolar Monsenhor José Paulino. Disponível em: <<http://museutuanytoledo.blogspot.com.br>>, acesso em: 19 de mar. 2017.

próximo a rede Sul Mineira ferroviária, as localidades de saúde – Santa Casa de Misericórdia e Hospital Samuel Libânio. Quanto ao alojamento, a construção de vasta proporção permitia a execução das funções operacionais e logísticas.

Continuando na leitura, o painel nos traz a época do embate militar na cidade de Pouso Alegre em 1932 e sua população de 15 000 habitantes o que demonstra uma cidade de pequeno porte com práticas predominantes agrícolas, ficando claro na leitura os campos de arroz, café e as fazendas nos arredores da luta, assim como o Rio Mandu em azul no mapa, transpassando grande parte do território marcado pela revolução na cidade.

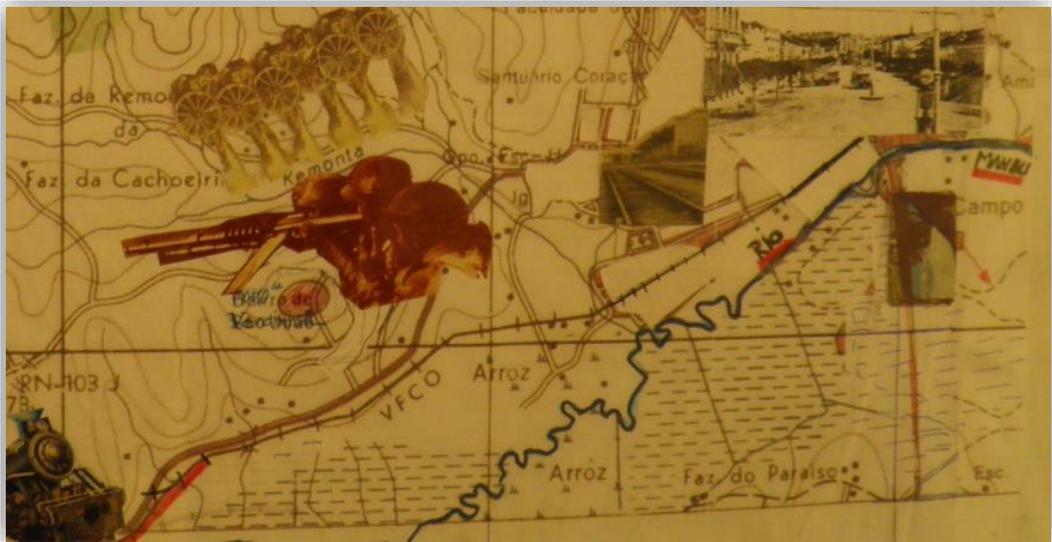


Figura 22 – Rio Mandu, fazendas e linha férrea

Notamos também que o transporte usado tanto para o escoamento de mercadorias, deslocamento de pessoas e dos combatentes era o ferroviário pela bem traçada ferrovia nomeada Rede Sul Mineira de Viação, de um ponto a outro no mapa e por descrições em laterais do mesmo: “Em número de 59, foram remetidos para o Rio de Janeiro, no dia 22. Em trem especial sob a assistência espiritual do bispo diocesano Dom Otávio Chagas de Miranda, campineiro conterrâneo dos prisioneiros”.

Não menos perceptíveis a forte participação da igreja na cidade e no embate, em suas colagens o general fez questão de destacar essa influência clerical nomeando os cônegos voluntários: Cônegos - Otaviano, Aristides, Proficio e com a

colagem das imagens da Catedral e do Santuário Coração de Maria, importantes templos católicos na cidade.

O mapa ainda apresenta várias imagens sobre a revolução como a encomendação dos corpos, as trincheiras, as armas utilizadas e os canhões Krupp de grande porte e alcance.



Figura 23 - Catedral

No recorte vemos a Catedral, igreja central da cidade construída após a demolição da antiga capela e com a criação da diocese de Pouso Alegre passou a Catedral em 1900.

Na montagem do general foram inseridas muitas imagens sobre o mapa, colagens e desenhos, é a partir desse gesto de interpretação que elas ganham visibilidade na montagem, daí pode-se dizer dos sentidos produzidos.

Ao nos depararmos com o *corpus*, percebemos em um primeiro instante, sua superfície linguística, a construção e divulgação do desenvolvimento social, político e econômico da cidade.

E é dessa forma, que acreditamos trabalhar a partir da Análise de Discurso, com as formações discursivas que, por sua vez, através do Museu Histórico

Municipal Tuany Toledo delimita, divulga e regula tais interesses, bem como nos apresenta Foucault.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1971, p. 238).

Conforme mencionamos anteriormente, ao abordamos os arquivos existentes no museu sobre a Revolução de 32, para nos enveredarmos nos possíveis discursos perceptíveis, precisamos levar em conta o contexto sócio – histórico e toda a trama nas relações de poderes ali presentes.

Para tal, a noção de formação ideológica apresentada por (PÊCHEUX; FUCHS, [1975]1993, p.166) foi fundamental.

Conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se reportam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras.

Dessa forma entendemos que é através da ideologia que os sujeitos se interagem com e na sociedade, tendo em seus diversos posicionamentos, sejam de cunho político, religioso, filosófico e estético, um elemento de adaptação a uma realidade. Enfim, o sujeito ao tomar uma atitude, um posicionamento diante de uma situação hipotética qualquer, seja na família, no trabalho ou no lazer, está sendo perpassado por um complexo de posições ideológicas. É nesse sentido que entendemos formação ideológica. O sujeito, enquanto ser social não é um simples ponto de chegada ou partida de uma ideologia, mas está sempre condicionado a um complexo ideológico, uma formação ideológica.

E é a partir da formação ideológica que acreditamos ser possível trabalhar com as formações discursivas, “as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra, pois muda sua relação com a formação ideológica” (ORLANDI, 2008, p. 18).

Sendo assim acentua-se mais um pilar para o nosso campo analítico a noção de formação discursiva também apresentada por Orlandi. “Formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma

posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada, determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2008, p. 19).

Dentro dos conceitos apresentados, podemos dizer que o nosso trabalho analítico foi pautado através de uma concepção na qual a língua é a nossa base material, ou seja, a nossa materialidade no texto, entendendo que:

(...) O texto é uma peça de linguagem, uma peça que representa uma unidade significativa. (...) o texto que significa. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa. (ORLANDI, 2008, p. 111)

Nesse caso nos referimos a um texto enquanto uma unidade de significação, podendo ser todo um conjunto de frases, uma palavra, ou uma letra, como diz Orlandi a respeito, “unidade se estabelece pela historicidade, como uma unidade de sentido em relação à situação” (ORLANDI, 2013, p. 61).

Ao trabalharmos com a noção de contexto sócio histórico, abordamos não somente a montagem, os documentos, as fotografias, os mapas e o arquivo material sobre a Revolução de 32 de forma autônoma no que diz respeito aos seus enunciados, mas como base para reflexão, a sua relação necessária com as tramas sociais e históricas do momento.

O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico. (ORLANDI, 2003, p. 63)

Torna-se necessária, neste momento a colocação de Orlandi sobre os sentidos do museu, como ele se constrói e se representa.

Estes criam novos sentidos para as coisas e (re) definem a realidade, razão pela qual são considerados práticas de significação. São instituições sociais muito complexas que num curto espaço de tempo passaram de em papel social relacionado com a produção de saber para um papel essencialmente (auto) reflexivo, (auto) crítico e (auto) questionador, não só de si, mas também da sociedade em volta. (ORLANDI, 2014, p. 3)

Percebemos que dar sentido a uma palavra é fazer com que esta palavra designe uma coisa e não outra. Os sentidos das palavras surgem das relações dos

sentidos das formações discursivas e isso manifesta o efeito do interdiscurso, ou seja, da memória.

O fato de visitarmos o museu e percebermos em diferentes contextos o acontecimento discursivo da Revolução de 32, nos reforça a ideia de que o sujeito é interpelado pela ideologia. Diante disso, notamos as evidências que proporcionam o assujeitamento, no qual se baseia a ação de significar e, automaticamente, significar-se.

Como nos diz (DOMINGUES; CARROZA, 2013, p.142):

Não se pode pensar a História como uma ciência do passado, visto que o que buscamos é entender o movimento da história como produção de sentidos. Para tal compreensão, torna-se necessário ao educador/pesquisador estar em contato com as mais diversas áreas do saber e foi nas Ciências da Linguagem, mais especificamente na Análise de Discurso, que passamos a repensar os usos e interpretações dos dizeres, memórias que constituem nossos objetos de análises.

Buscamos discutir a relação do museu e especificamente do acontecimento de 32, sempre pensando que este pela memória discursiva, permeada pela historicidade, além do arquivo, cheia de inscrições ideológicas, que vivem em tensão com acontecimento, para serem compreendidas não somente como um fato e sim como um acontecimento discursivo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Depois de muito caminhar entre leituras, *corpus*, interpretações e conhecimento na Análise de Discurso, na História e especialmente no que se refere a buscar compreender o sentido da Revolução de 32 e como está organizada no museu Tuany Toledo na cidade de Pouso Alegre, chegamos agora as nossas palavras finais desta dissertação, porém iniciais de diversas outras reflexões.

Ao conhecer o museu, especificamente a história apresentada neste espaço institucionalizado de início tivemos a impressão estar à frente de uma caixa de coleção, folclorizada e assim utilizada como espaço para ensinar a memória dos acontecimentos mais significativos de Pouso Alegre. Situação que muito nos intrigou, pois como sempre nos alertou (DOMINGUES, 2011, p. 02) “a narrativa constitui um instrumento de formulação e de construção de memória social, de produção de consciências e de formulação de referências identitárias. Tecendo uma trama que articula passado e presente”, não podendo desta maneira ser entendido qualquer narrativa apresentada no museu seja oralizada, textualizada, imagética e ou material como algo isolado no passado sem conexão com o presente, pois a memória é movimento.

O museu traz em si o discurso da ordem, sendo assim um espaço de formações discursivas, com diferentes formas de comunicação e impregnado de ideologia, sendo social e discursivo, reforçando institucionalmente a memória dos paulistas.

Porém no espaço urbano é possível com um olhar mais profundo, observar ainda vestígios da memória discursiva e histórica da participação dos mineiros nesta batalha, especialmente quando tratamos do bairro São João, do qual teve o monumento e a placa comemorativa da batalha, mesmo sendo a memória de arquivo do museu destinada para os paulistas, no entremeio dos discursos da cidade observa o sentido da ação mineira neste acontecimento.

Vimos nesta dissertação como se deu a criação e formação do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo, desde sua idealização pelo senhor Alexandre de Araújo até sua constituição. O sentido desse espaço de memória para a cidade de Pouso Alegre e para cada observador que o re (significa).

O envolvimento da cidade em diversos movimentos revolucionários desde 1833 e os penosos caminhos trilhados pelos envolvidos.

A presença marcante da Revolução de 32 no museu, tendo este organizado um núcleo temático para tal fato. O que denota sua importância para a memória da cidade. A participação do Sul de Minas neste movimento foi crucial para a vitória dos legalistas na Revolução de 32. Todo o material pertencente ao núcleo temático da Revolução de 32 no museu nos ajudou a compreender os sentidos da revolução neste espaço e para a cidade. E para essa compreensão alguns conceitos desenvolvidos por Pêcheux e Orlandi no âmbito da Análise de Discurso formaram a base para este trabalho.

É nesse olhar crítico de historiadora e analista de discurso que esta pesquisa foi realizada, como o ogro da lenda de Bloch: “São os homens que (a história) quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça”. (BLOCH, 2001, p. 54).

Além de “farejadores de carne humana”, ao conhecer o mundo das Ciências da Linguagem neste mestrado, observamos que se faz fundamental compreender a linguagem não como um simples resultado da sociedade, pois a “Análise de Discurso considera que o sentido não está já fixado a priori, como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há determinação histórica do sentido” (ORLANDI, 2008, p.56).

Desta maneira foi possível identificar diferentes sujeitos no processo de constituição e funcionamento do museu na cidade de Pouso Alegre, e buscar interpretar as diferentes formações discursivas apresentadas nos textos memorialistas, nas figuras, fotografias e objetos deste lugar discursivo e social que é o museu. Compreendendo este lugar social como o espaço empírico, onde se abriga diferentes formações ideológicas que se relacionam com as relações de poder e institucionais, demonstrando o lugar que o sujeito ocupa na sociedade e o lugar discursivo sendo o espaço do discurso, relacionando sempre com a forma sujeito e a posição sujeito, podendo ocupar diferentes posições, falando sempre de um determinado lugar e recortando-lhe o que lhe interessa. (GRIGOLETTO, 2008)

No Museu Histórico Municipal Tuany Toledo de Pouso Alegre foi onde buscamos nosso objeto de análise, suas manifestações de linguagem, como textos escritos, depoimentos, fotografias, figuras e objetos que representem o acontecimento histórico da Revolução de 32. Entendida também por esta pesquisadora como um acontecimento discursivo, pois o museu é uma prática de linguagem que constitui diferentes sujeitos e materializa discurso.

Foi pela Análise de Discurso que compreendemos as diferentes possibilidades de apreender, problematizar, interpretar os sujeitos no museu produzindo sentidos, ocupando diferentes posições sujeito, dependendo da formação discursiva que seja sua escolha, pois como nos diz (PÊCHEUX, 1975), como analistas de discurso, devemos compreender a importância da linguagem na constituição dos sujeitos e que não existe discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. et al. *Papel da memória*. Tradução José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

ARAÚJO, Alexandre de. *Pouso Alegre através dos tempos: sequência histórica*. Pouso Alegre: Câmara Municipal, 1997.

BRASIL. Constituição 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Decreto-lei n 25, de 30 de novembro de 1937.

BRASIL. Ministério da Defesa. *Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército: Valores, Deveres e Ética Militares*, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion e Vainfas, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARTAZES: *Revolução de 32*. Disponível em: <http://tudoporsaopaulo1932.blogspot.com.br>. Acesso em: 14 maio 2014.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CONCENTRAÇÃO. Área. Disponível em: <https://www.cienciasdalinguagem.net/reas-de-concentrao>. Acesso em: 24 abr. 2017.

CONTINÊNCIA. *Revolução de 32*. Disponível em: <http://www.emporiodenoticiasblogspot.com>. Acesso em: 14 maio 2014.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. Tese (Doutorado). IEL, Unicamp, Campinas, 2008.

DOMINGUES, Andrea Silva; CARROZA, Newton Guilherme Vale. História Oral, Discurso e Memória. *Tempos Históricos*, Paraná, Vol. 17, p. 141-161, 2013.

DOMINGUES, Andrea Silva. *A arte de falar: redescobrimo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio / MS. Jundiaí: Paco, 2011.*

_____. *Cultura e Memória: o festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis – MG. São Paulo: PUC, 2007. Tese (Doutorado), São Paulo, 2007.*

_____. *Cultura e Memória: O significado da Festa do Rosário e do ser festeiro. In: Revista Histórica, São Paulo, Vol. 49, p.01 - 08, 2011.*

FOUCAUT, Michel. *A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996.*

GOUVEA, Octávio Miranda. *A História de Pouso Alegre. 2. ed. Pouso Alegre: Gráfica Amaral, 2004.*

GRIGOLETTO, Evandra. *Do lugar discursivo a posição sujeito: os movimentos do sujeito – jornalista no discurso de divulgação científica. In: CAZARIN, E.A; GRIGOLETTO, E. (Orgs.). Práticas discursivas e indenitárias – sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.*

LER MAPA. *Escala, curva de nível. Disponível em: <<http://www.pt.wikihow.com/>>. Acesso em: 17 abr. 2017.*

MALDIDIER, Denise. *A Inquietação do Discurso - (Re) Ler Michel Pêcheux Hoje. Campinas: Pontes, 2003.*

MAPA. *Bairro São João. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 21 mar. 2017.*

MAPA. *Pouso Alegre. Disponível em: <<http://www.br381.com.br/cidades/pousoalegre/mapa.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2017.*

MARQUES, Joana Ganilho. *Discurso dos museus: perspectivas transdisciplinares. In: CONFERÊNCIA MUSEU DE ARTE PRÉ-HISTÓRICA E DO SAGRADO NO VALE DO TEJO, 2012, Portugal. Anais. Portugal, 2012.*

NOTÍCIAS. *Revolução de 1932*. Disponível em: <http://www.emporiodenoticias.com/search?q=revolucao+d+32>>. Acesso em: 14 maio 2014.

NUNES, J. H. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: M. C. L. Ferreira, F. Indursky (orgs.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.

ORIGEM. *Pouso Alegre*. Disponível em: <http://www.tvuai.com.br/pousoalegre/home.html>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

_____. *Discurso e Leitura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Discursos e Museus: da memória e do esquecimento*. *Signo y Señal*: revista del instituto de lingüística da facultad de filosofía y letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, p. 20, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

_____. *Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *Discurso Fundador*. Campinas: Pontes, 2003.

_____. Do sujeito na história e no simbólico. In: *Escritos* (4). Campinas: Labeurb, 1999.

_____. *Discursos e Museus*: Da memória e do esquecimento. *Entremeios*, v. 9, 2014.

_____. *Gestos de Leitura*: a história no discurso. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2010.

_____. LATTES. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3674250332927722>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

_____. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Cathérine. (1975). Por uma análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.). *Análise do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p.163-187.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET & HAK (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. *Análise de discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, Eni. (Org.). *Gestos de Leitura*: da História no Discurso. Campinas: Unicamp, 1994.

_____. *Michel Pêcheux*. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/home/lerArtigo.lab?id=48&cedu=1>>. Acesso em: 21 de abr. 2017.

_____. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do obvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. et al. 2º ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. Original francês: PÊCHEUX, M. *Lesvrites de laPalice*. Paris: Maspero, 1975.

QUARTEL GENERAL. *Grupo Escolar Monsenhor José Paulino*. Disponível em: <<http://museutuanytoledo.blogspot.com.br>>. Acesso em: 19 de mar. 2017.

REVISTA MHMTT. *Memórias de Pouso Alegre*: Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Pouso Alegre: Câmara Municipal de Pouso Alegre, 2010.

REVISTA MHMTT. *Histórias de Pouso Alegre*: Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Pouso Alegre: Câmara Municipal de Pouso Alegre, 2012.

REVISTA. *Museu*. Disponível em: <<http://museutuanytoledoblogspot.com.br>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

REVOLUÇÃO. *Liberal*. Disponível em: <http://www.museudacidade.sp.gov.br/solar-rafaeltobias.php>. Acesso em: 16 mar. 2017.

SANTOS, Luana Taís dos. *Museu Histórico Municipal Tuany Toledo (MHMTT) memórias de Pouso Alegre/MG em movimento*. 2013. 75f. Monografia – UNIVAS, Pouso Alegre, 2013.

SARLO, Beatriz. Discurso e Memória. In: DOMINGUES, Andrea Silva; CARROZA, Newton Guilherme Vale. *Tempos Históricos*. Pouso Alegre, 2013.

SILVA SOBRINHO, José Simão da. *A língua é o que nos une: língua, sujeito e estado no museu da língua portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2014.

SOUZA, Tânia Conceição Clemente de. Imagem, textualidade e materialidade discursiva. In: RODRIGUES, Eduardo Alves. et al. (Orgs.). *Análise do discurso no Brasil: Pensando o impensado sempre - Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: RG, 2011.